

O Orson Welles do Maranhão

28 FEV 1988 Augusto Nunes

NOS anos 30, o grande Orson Welles fez uma lendária transmissão radiofônica em que narrava a invasão da Terra por marcianos. O programa, que passou à história com o nome de *A Guerra dos Mundos*, semeou o pânico por boa parte dos Estados Unidos, numa evidência de que Welles soubera ser muito convincente. No final dos anos 80, o presidente José Sarney escolheu as manhãs das sextas-feiras para tentar assustar brasileiras e brasileiros com a narração, em série, da invasão da Constituinte por minorias radicais. Só que, em vez de pânico, Sarney tem semeado a sensação de que o presidente da República é, decididamente, um homem sem grandeza.

Tanto *A Guerra dos Mundos* quanto a "Conversa ao Pé do Rádio" configuram dois bons exemplos de pura ficção radiofônica. A diferença está nos apresentadores. Para começar, Orson Welles era muito melhor. Depois, ao contrário do locutor maranhense, o americano não pretendia assustar seus ouvintes — ele não imaginava que o realismo da narrativa teria conseqüências tão dramaticamente agudas. Enfim, sempre ao contrário de Sarney, Welles não agiu movido por interesses mesquinhos — e são desalentadoramente mesquinhos os interesses que têm levado o presidente da República a perturbar os ouvidos da nação com suas conversas ao pé do rádio: por trás dos malcosturados discursos alarmistas, o que há é a vontade de ficar cinco anos no poder.

Na última sexta-feira, o terceiro capítulo da narração da invasão da Constituinte registrou momentos de muita emoção. "Está dentro do Congresso Nacional um pequeno grupo de radicais oportunistas, com o objetivo de solapar a ordem", descreveu a certa altura o locutor. (Ele poderia ter acrescentado que esse pequeno grupo tem tal poder de persuasão que já convenceu a maioria dos constituintes de que é necessário encurtar em um ano a era Sarney. É gente muito convincente.) "Graças a Deus", animou-se depois a contrapartida nativa de Orson Welles, "o Congresso tem homens de espírito que resistem ao sacrifício, ao ataque sistemático que é feito para amedrontá-los". (Certamente, ele se referia aos franciscanos dissidentes, chefiados pelo deputado Roberto Cardoso Alves, redator do primeiro mandamento dos espectralhões: "É dando que se recebe.")

Como ficcionista radiofônico, Sarney tem a mesma opacidade do ficcionista que escreveu *Brejal dos Guajás*, impecavelmente esquartejado, nesta página, por Millôr Fernandes. E nada haveria a temer se, por trás do narrador que os micróbios e a incompetência do Hospital de Base de Brasília nos legaram, já não estivessem a movimentar-se velhos figurantes de filmetes golpistas. É o que sugerem declarações recentes do ministro da Justiça, Paulo Brossard, e do ministro do Exército, general Leônidas Pires Gonçalves.

Brossard, em quem Leonel Brizola já descobriu um Ruy Barbosa em compota, vai-se agora transformando num Victor Mature bem mais gordo: a exemplo do canastrão americano, ele sabe como poucos fazer baia: rem as próprias sobrelhas, simulando momentos de intensa atividade mental, para dizer grossas bobagens. Há poucos dias, Brossard afirmou — sobrelhas, superiormente arqueadas — que a realização de eleições presidenciais em 1988 tornaria inviável qualquer acerto com os credores da nossa dívida externa. Victor Mature, que engolia qualquer roteiro, talvez recusasse esse papel.

Na última sexta-feira, horas depois de Sarney ter declamado mais um capítulo da invasão da Constituinte, foi a vez do figurante Leônidas Pires Gonçalves. Intrometendo-se arrogantemente em assuntos que não pertencem aos militares, o ministro do Exército sustentou que não devem ser feitas eleições presidenciais em novembro próximo, isso para tranquilizar os investidores estrangeiros e evitar o crescimento da inflação. Os repórteres que ouviam o general estavam certamente distraídos. Se não estivessem, poderiam perguntar-lhe, por que o Brasil, depois de 27 anos sem eleições presidenciais, convive com uma taxa inflacionária de 400% ao ano. E por que a Espanha, para ficar num único exemplo, baixou seu índice anual para 4% depois de ter realizado sucessivas eleições. E atraiu, só em 1987, investimentos estrangeiros num total de 17,5 bilhões de dólares.

A turma que gosta de conversar ao pé do rádio está saindo da ficção para o delírio. Olho neles — e todo poder à Constituinte. Ela haverá de assegurar a convocação do país às urnas em novembro deste ano, como exige a nação. Só isso nos livrará das minorias radicais, que hoje se abrigam no Palácio do Planalto.